

O DESPERTAR DO SENTIDO DA VIDA EM VIKTOR FRANKL: UMA REFLEXÃO EM RESPOSTA AO SUICÍDIO NA JUVENTUDE

Por Ailton Martins Evangelista.¹

Resumo

É notável que nos últimos tempos houve um enfoque para as questões voltadas ao homem, havendo assim uma valorização do ser humano. Uma vez que a pessoa se depara com sua vida, há a possibilidade de enfrentar questionamentos relacionados ao sentido da mesma, os rumos da existência e os vazios e crises que lhes permitem indagar acerca dos sentidos e das motivações que marcam sua trajetória. Estes dilemas alcançam também a idade da juventude que em determinados momentos percebem sua mocidade sem sentido e estas angústias acabam lhes causando inúmeros sofrimentos e levando-os à ideação do suicídio e à prática do mesmo. Diante destes fenômenos percebeu-se a necessidade de trazer o tema para dentro da academia levando em conta sua importância e atualidade e buscando favorecer uma reflexão filosófica por meio das contribuições do psicoterapeuta e filósofo Viktor Emile Frankl, sobrevivente aos horrores dos campos de concentração do nazismo e fundador da logoterapia, teoria de sentido. A logoterapia favorece ao homem uma compreensão de sua missão e que toda vida pode ser contemplada de sentido trabalhando valores e oferecendo uma visão de homem mais integrada e humanizada. Viktor Frankl se mostrou apto para cooperar nesta reflexão devido o fato de ter trabalhado no início de sua carreira com jovens suicidas, depois em seguida com sua experiência de prisioneiro em campos nazistas e por fim com seu testemunho de vida marcado por ajudar as pessoas a descobrirem o sentido em suas vidas. Esta percepção de encontrar sentido na existência é apresentada no trabalho como proposta preventiva aos jovens da atualidade que reclamam da ausência de sentido, de um vazio existencial e de falta de motivações para continuar vivendo e que veem no suicídio uma alternativa e meio para colocar fim nesses sofrimentos. A proposta logo terapêutica reforça a capacidade do homem de se responsabilizar em suas escolhas, reconhecer o valor de sua vida com um caráter de uma missão para desempenhar, em síntese: a resposta ao fenômeno dos jovens com ideação suicida contempla a capacidade dos mesmos de auto transcender-se ou seja um movimento presente em todo o homem de ir ao encontro do outro nas suas necessidades e ajudar.

Palavras-Chave: Viktor Frankl. Sentido da Vida. Suicídio. Juventude.

¹ Orientado pelo Prof. Dr. Jefferson da Silva.

Introdução

A construção deste artigo é uma aproximação de três temas importantes na atualidade. O primeiro deles é sobre o sentido da vida e suas implicações, as diversas respostas que são dadas a este questionamento profundamente existencial. O segundo campo a ser apresentado é a própria juventude em seu caráter de anseios e busca por respostas dado o momento de transição em que vivem e por fim é trabalhado à temática do suicídio que ainda é, em muitos setores da sociedade, um assunto visto com muito receio e preconceito.

Estes três temas trabalhados juntos poderão responder a um questionamento complexo e de relevância para o presente momento: “Por que os jovens cometem suicídio?”, “Como que uma fase da existência que é marcada como uma época de aventuras, romances e vitalidade acaba por terminar de forma tão trágica e repentina?” O que os leva a ver na ideação suicida ou nos atos uma possível solução para suas lutas?” Estas e outras perguntas ajudaram a nortear esta pesquisa filosófica.

O presente trabalho pretende incrementar a discussão acerca deste tema e favorecer de forma básica o incentivo na academia à problemática do suicídio dos jovens na atualidade tendo como uma das hipóteses o fato que os mesmos se matam por não descobrirem um sentido em suas vidas, o diálogo sobre o tema pertinente poderá ser iluminado pelas luzes do conhecimento da filosofia e poderá ser útil para profissionais da educação e também para jovens que lidam com esta temática.

Na leitura deste artigo será possível reconhecer a importância do tema e a sua urgência em debater e aprofundar esta temática presente no cotidiano de inúmeros jovens. Que o leitor possa considerar a contribuição proposta pela teoria do sentido de Viktor Frankl tanto no contexto conturbado do século XX quanto na atualidade do nosso século.

I- O Fenômeno do suicídio, suas implicações na juventude contemporânea e a proposta Logo terapêutica do Sentido.

Este trabalho propõe uma tentativa de compreender o fenômeno do suicídio identificado na atualidade relacionado aos jovens, que por motivos particulares acabam colocando fim em suas próprias vidas, desta forma buscará por meio da reflexão filosófica apontar a importância de se ter um sentido na vida e a valorização da mesma.

Na Declaração Universal dos Direitos Humanos que surgiu na década de 40 e que teve como um dos intuitos a preservação da dignidade humana, o texto recém criado dos direitos humanos buscava valorizar a vida em sua totalidade, desta maneira a constituição

ênfatizava que: "Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal" (DUDH, a. 3). Por meio desta declaração o valor de cada ser humano começou a ser mais evidenciado e respeitado e esta impositão de valorizaão à vida marcou um avanço na humanidade enquanto caráter ético nas relações humanas.

O campo filosófico também pode ser aproveitado quando por meio de suas reflexões acaba por estimular pontos que podem favorecer a existência uma vez que também buscou ao longo da história propor ações reflexivas e concedeu ao homem a oportunidade de obter novos olhares para seus horizontes com mais clareza.

Dando-lhe a oportunidade de conhecer-se distinguir os que o rodeiam, segundo o filósofo Hegel: "A tarefa da filosofia é conceituar o que é, pois o que é, é a razão. No que concerne ao indivíduo, cada um é de toda maneira um filho de seu tempo; assim a filosofia é também filha de seu tempo apreendido em pensamentos." (HEGEL, 1997, p. 43). Compete agora à filosofia esse encargo de apreender os movimentos e questionamentos desse tempo e lê o mundo da atualidade que propõe inúmeros caminhos e oportunidades para os homens, inclusive os próprios desafios em entender as questões que envolvem a morte e a vida.

A morte intriga a humanidade desde os inícios da civilização até os dias atuais, ao apresentar-se diante de cada homem ela traz consigo uma espécie de encantamento para alguns e é um tanto carregada de pavor para outros e mostrando-se como mistério para muitos. A mesma é fonte de estudo e busca de entendimento para doutrinas filosóficas e religiosas.

Dentro do horizonte filosófico ao dissertar sobre a morte não se pode deixar de lado o filósofo Martin Heidegger que sugere que o homem é um ser sempre voltado para a morte e que nos momentos de luto, surgem as oportunidades reflexivas para uma vida autêntica. Tanto a filosofia quanto a religião, em seus diversos aspectos interpretativos, favorecerá uma tentativa de resposta para tal questionamento.

Em meio às pluralidades de temas existentes, o assunto escolhido para ser colocado em evidência reflete a existência e está relacionado às tentativas de suicídio e a morte em si, este tema ao longo da história tem sido comentado, discutido e até rejeitado, a compreensão a respeito do mesmo já foi suscitada para muitos, entre as formas de buscar compreendê-lo existem duas formas: a forma biológica e uma existencial ou psicológica.

A forma biológica está ligada diretamente ao tratamento daqueles que uma vez praticada a tentativa de suicídio não chegaram à conclusão e não obtiveram êxito, estes

são levados às clínicas e hospitais e ali recebem os cuidados necessários e logo em seguida são devolvidos à sociedade e retornam para suas casas.

Uma outra forma é psicológica ou existencial:

Até aqui, abordamos o problema do suicídio discutindo as possíveis posições do médico que o observa de fora. Tentemos esclarecer este problema, vedo-o por assim dizer, de dentro, procurando compreendê-lo sob o prisma do homem que se cansou de viver, examinando ao mesmo tempo os motivos da sua justificação interior. (FRANKL, 2015, p.88).

Esta não pretende tratar das consequências da tentativa de suicídio, mas buscar as causas que levaram o sujeito a praticar o ato contra a própria vida, esta segunda forma será a impostação adotada neste trabalho que contará com o apoio da reflexão filosófica para a compreensão deste ato.

Para o filósofo francês Albert Camus que no século XX escreveu sobre o suicídio a partir de uma leitura de um clássico da antiguidade, *O Mito de Sísifo*, o autor apontou: “O essencial, portanto, não é ainda remontar às origens das coisas, mas sendo o mundo o que é, saber como conduzir-se nele. No tempo da negação, podia ser útil examinar o problema do suicídio.” (CAMUS, 2017, p. 12). Camus existencialista francês percebe o avanço desta temática e por hora ignora questionamentos metafísicos e põem-se a perguntar sobre as causas do suicídio.

Observar este campo de vidas auto destruídas torna-se importante uma vez que “Há que se pensar que toda e qualquer morte traz à tona algo sobre a sociedade em que ela acontece.” (DUARTE, 2013, p.17). Depositar atenção para este ato é depara-se com aspectos que sinalizam possíveis contextos de entendimento existenciais, antropológicos e sociais.

O sociólogo Emile Durkheim é considerado um dos primeiros expoentes à aproximar-se deste assunto com maior sistematização, deixando contribuições para a sociedade francesa da época do qual foi o campo de sua atuação e também para sociedades posteriores.

Ora entre as diversas espécies de mortes, há as que apresentam a característica particular de serem feitas da própria vítima, de resultarem de um ato cujo paciente é o autor; e, por outro lado, é certo que essa mesma característica se encontra na própria base da ideia que comumente se tem do suicídio. (DURKHEIM, 2000, p. 11)

Debater acerca do suicídio em que a vítima torna-se o próprio causador de tal dano a si como citado acima e questionar a vida e a morte tendo uma reflexão alargada sobre poder adianta-la, é uma maneira de aproximar-se de cada sujeito, pensar se a vida deve

ou não ser vivida é um ato de filosofar próprio de uma filosofia existencialista por natureza, colocar esta temática em destaque na academia é reconhecer no momento atual da sociedade a urgência de falar sobre este determinado assunto.

Debruçar-se sobre os relatos de sujeitos que tendo a oportunidade de deixar um legado como herança para as gerações posteriores ou de fazer com que suas memórias se perpetuassem na história construída de feitos e realizações tornando-se quase imortais como os famosos imperadores romanos que optaram por tomar um caminho oposto, por adiantar o dia de sua morte e colocar fim em suas vidas.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) órgão que traz dados estatísticos a nível mundial referente a saúde tem apontado o seguinte:

Nas últimas quatro décadas, o suicídio cresceu significativamente em todos os países, envolvendo todas as faixas etárias e, também, vários contextos socioeconômicos. Pode-se dizer que o suicídio está entre as dez principais causas de morte. A OMS registra suicídios a partir dos cinco anos de idade e isso é altamente impactante, já que pensar que uma criança de cinco anos de idade, que está em processo de desenvolvimento cognitivo e emocional possa buscar intencionalmente uma alternativa para o seu sofrimento, tirando sua própria vida. Assim, é preciso dar atenção especial a esse problema. (DUARTE, 2013, p.25)

Diante destes dados como compreender tal fenômeno da atualidade em que o sujeito desapontado decide pôr fim a sua vida por quais motivos? O percurso traçado por um suicida pode ser dividido em três categorias:

A ideação suicida é um importante preditor de risco para o suicídio, sendo considerada o primeiro “passo” para sua efetivação (Werlang et al., 2005). Assim, a decisão de cometer suicídio não ocorre de maneira rápida, sendo que com frequência o indivíduo que comete o suicídio manifestou anteriormente alguma advertência ou sinal com relação à ideia de atentar contra a própria vida. Da mesma forma, a literatura aponta que existe uma grande probabilidade de, após uma primeira tentativa de suicídio, outras virem a surgir, até que uma possa ser fatal (Borges et al., 2008; Dutra, 2002; Espinoza-Gomez et al., 2010). Portanto, a trajetória estabelecida entre a ideação suicida, tentativas e concretização da morte pode oferecer um tempo propício para a intervenção. (BRAGA, 2013, p. 4).

É possível constatar o quanto o suicídio tem sido solução para muitos independentemente da idade, classe social ou localidade em que o indivíduo está situado, os países de baixa renda se tornam mais vulneráveis uma vez que as políticas públicas são falhas e acabam por não proporcionar tratamentos preventivos ideais para aqueles sujeitos que se apresentam em risco de morte.

Sabemos que há fatores emocionais, psiquiátricos, religiosos e socioculturais. São um conjunto de fatores que ajudam a compreender a situação de vida, o sofrimento que essa pessoa carrega e, por isso, a busca da morte. Até podemos dizer que, por vezes, a pessoa não quer se matar. Quer, antes, eliminar a dor, diminuir o sofrimento e, por isso, busca, de repente, um método que a leva a morte. (DUARTE, 2013, p. 26).

O suicídio está ligado muito estreitamente como uma perspectiva existencial de vida, o como a vida está sendo levada é um fator de extrema importância que pode ditar as escolhas, os fatores podem estar relacionados a perdas, decepções, mudanças drásticas e uma tomada de consciência de forma pessimista da vida. Em sua complexidade a proposta é sempre observar as pessoas em situação de risco e buscar detectar o que aflige a pessoa que se encontra em situação de perigo existencial.

Se a autodestruição concebe a possibilidade de que cometer suicídio está ligado estreitamente com a falta de sentido da vida, os meios que favorecem o contato do ser humano com as vivências em nível de transcendência, uma vez que o ser humano traz consigo uma necessidade de transcendência, favorecer sua prevenção.

O suicídio permanece um mistério, “essa misteriosa via de fato sobre o desconhecido”, dizia Viktor Hugo. Sua decifração desafia a ciência. O retrocesso da decisão fatal poderá ser paradoxalmente a vitória de um sentido de transcendência, imolação e sacrifício que a alma doente raro consegue captar. (RIOS, 2000, p. 75).

O fenômeno do suicídio vem ganhando espaço na atualidade devido ao crescente número de casos que sendo comprovados pelas estatísticas da (OMS), os relatos apresentados pela mídia, e por ter adquirido uma visibilidade maior nas próprias discussões acadêmicas comprovam o quanto este tema se mostra atual e necessário. Trazê-lo para o campo acadêmico filosófico é carregado de desafios uma vez que há carências também de bibliografias e pesquisas acerca desta relação, o suicídio em pleno século XXI ainda permanece como um afrontamentos à ciência, à religião e à sociedade.

Que o suicídio alcança todas as faixas etárias da humanidade já é um dado comprovados há muito tempo, porém, a ênfase deste trabalho, a partir de então é para a juventude, (cf.-DUARTE, 2000, p. 10). Embora existem outros grupos que poderiam também ser destacados, o fenômeno do suicídio dos jovens foi escolhido para tal aprofundamento, essa escolha se deu a partir de um aumento dos dados estatísticos,

também de uma maior divulgação na mídia e da representatividade desses casos irem aumentando ano após ano conforme a citação a seguir:

O número crescente de jovens que se matam é hoje fonte de universal preocupação. Parece que a doença é geral, atinge todos os países, pelo menos na área de influência de civilização ocidental, na onda do que se convencionou chamar globalização. Hoje, oitenta e cinco por cento das pessoas que tentam se matar e não morrem são jovens. (RIOS, 2000, p. 60).

Uma possível razão é o fato dos jovens receberem uma grande carga emocional acompanhada de cobranças e as vezes não conseguirem administrar: “Os adolescentes mais que os adultos são altamente suscetíveis à formas de comportamento induzido e à massificação geral das sociedades, das redes de comunicação e à incapacidade para o indivíduo de administrá-las.” (JOSÉ, 2000, p. 64).

A partir de uma constatação do aparecimento e crescimento do suicídio envolvendo jovens, o que deve merecer a atenção são os fatores que estão por trás e que são capazes de orientar e apontar o que tem levado tantos jovens que mesmo estando em uma fase da vida que lhes provoca sonhos e construções esperançosas, acabam tomando decisões que colocam fim em suas vidas.

O suicídio não apenas está entre as dez principais causas de morte, como também está entre as duas ou três causas mais frequentes de morte para o grupo de adolescentes e adultos jovens. A adolescência e a juventude são fases em que o indivíduo define sua ocupação, sua profissão, escolhe seu parceiro para viver. É, assim, um assunto impactante, por influenciar tanto em termos emocionais quanto em termos econômicos. São pessoas que não estão de bem com a vida, portanto, não têm uma boa qualidade de vida e isso interfere na relação com as pessoas com quem o indivíduo convive. (DUARTE, 2013, p. 26).

Levando em conta a quantidade de fatores de riscos em que os jovens são expostos, as emoções abaladas os colocam em situações de riscos, em contrapartida os fatores de proteção estão baixos resultando que a cada dia este fenômeno torna-se mais delicado, a citação abaixo ajuda a ter uma compreensão mais alargada dos possíveis contratempos que assolam a existência do jovem adolescente:

Isolamento social, abandono, exposição à violência intrafamiliar, história de abuso físico ou sexual, transtornos de humor e personalidade, doença mental, impulsividade, estresse, uso de álcool e outras drogas, presença de eventos estressores ao longo da vida, suporte social deficitário, sentimentos de solidão, desespero e incapacidade,

suicídio de um membro da família, pobreza, decepção amorosa, homossexualismo, bullying, locus de controle externo, oposição familiar a relacionamentos sexuais, condições de saúde desfavoráveis, baixa autoestima, rendimento escolar deficiente, dificuldade de aprendizagem, dentre outros. (LIMA, 2013, p. 06).

Como mostrado anteriormente o suicídio é apresentado para a juventude como esta solução para possíveis problemas, é comum encontrá-los mergulhados em um processo de ideação suicida.

Em meio a uma sociedade carente de valores, de perspectivas os quais as oportunidades e motivações de se viver parecem não dar conta de um anseio profundo dos jovens que repletos de energia não encontram lugares e causas para dedicarem seus ânimos, uma proposta logo terapêutica se apresenta como uma possibilidade de ressignificação e de sentido para a vida da juventude.

Para tal aprofundamento da temática “Sentido da vida” será trazido o Psicólogo e filósofo Viktor Frankl, autor de obras que defendem a teoria do sentido da vida que recebe o nome de logoterapia, que se deu após experienciar sofrimentos, suicídios de jovens pacientes e mortes nos campos de concentração na Alemanha Nazista, sua contribuição atribuiu à sua teoria o título de terceira escola Vienense.

Em uma de suas conferências dada em Varsóvia na Universidade de Zurique Viktor Frankl inicia dizendo:

De fato, hoje não nos defrontamos mais, como nos tempos de Freud, com uma frustração sexual, mas, sim, com uma frustração existencial. E o paciente típico de nossos dias não sofre tanto, como nos tempos de Adler, de um sentimento de inferioridade, mas de um sentimento abismal de falta de sentido, que está associado a um sentimento vazio interior, razão pela qual tendo a falar de um vazio existencial. (FRANKL, 2015, p. 9).

Dessa forma relata Frankl: “Não foi essa, afinal de contas, a lição que pude levar comigo de Auschwitz e Dachau: que os que se mostraram mais aptos para sobreviver, ainda mais em tais situações limites, foram aqueles, que reafirmo, estavam orientados para o futuro, para uma tarefa que os esperava mais adiante, para um sentido que desejavam realizar.” (FRANKL, 2015, p. 23).

Ele foi observando que, dentre os prisioneiros, aqueles que sobreviviam conservando a sanidade eram justamente os que tinham alguma motivação em sua vida para prosseguir. Enfrentar a dura rotina proposta por um campo de concentração não era nada fácil, ser um prisioneiro de guerra sem muitas perspectivas de vida, submetido ao

frio e longas horas de trabalho e contando com a alimentação uma única vez durante o dia com um pedaço de pão e uma sopa aguada.

Frankl percebeu enquanto prisioneiro que o que move o homem não é a busca pelo prazer ou a sede de poder, mas sim o sentido de sua vida, durante a guerra, observou a si mesmo e a outros em situações limite nos campos de extermínio nazistas, e comprovou a necessidade de haver no ser humano uma força de espírito mesmo em situações desumanizadoras.

O que faz também das obras de Viktor Frankl serem aceitas na contemporaneidade é o fato do autor conseguir relacionar vida com sentido com as diversas situações de sofrimento que assola a tantos, o caráter humano empregado com seus pacientes como pode ser observado em suas conferências, livros e atendimento aos pacientes.

Em seu consultório “Frankl viu a constatação teórica desta conclusão quando dizia que os próprios doentes colocavam o tema do sentido no seu consultório. O tema do sentido, em logoterapia, abarca toda a temática da autotranscendência e os temas básicos, como o são a liberdade responsável, a consciência e a necessidade da prática dos valores. (BRETONES. 1998, p. 13).

Este autor “Viktor ficará na história da psiquiatria, como o médico da “doença do século XX”; como defensor corajoso da liberdade humana contra todo e qualquer determinismo científico naturalista cego; como o admirável fenomenólogo do amor, como aquele que, cheio de otimismo, desvenda no homem uma abertura para a transcendência. (FRANKL, 2015. p. preâmbulo, IX).

Os relatos de Viktor Frankl evidenciam sua capacidade de ter superado aos desafios dos campos de concentração fez dele uma figura marcante do século XX e que a partir de sua teoria ainda ecoa até os dias atuais favorecendo a muitos uma compreensão do homem e a possibilidade de reordená-lo para o sentido de sua existência.

II- A TEORIA DO SENTIDO COMO POSSIBILIDADE DE AUXÍLIO AOS JOVENS COM IDEIAÇÃO SUICIDA

Ao deixar o campo de concentração um tanto confuso e aparentemente perdido Viktor Frankl escreveu imediatamente um livro que recebe o título de: “*Em busca de Sentido- Um psicólogo no campo de concentração*”.

Neste livro Viktor relata sua experiência de cruz durante o campo de concentração, mas também o quanto esta experiência lhe serviu para validar sua teoria, embora tenham sido segundo Frankl, os tempos mais sombrios de sua vida, ele reconheceu a força do

espírito e prosseguiu, então desenvolveu uma teoria para ajudar as pessoas a encontrarem o sentido de suas vidas em particular. A essa psicologia deu o nome de logoterapia, uma análise existencial que prioriza a busca por sentido na vida.

A proposta apresentada por Frankl justifica seu rompimento com outras linhas psicológicas, por que a partir de sua teoria, fica evidente que o que move o homem é uma vontade de sentido. “O que de fato impulsiona o homem não é nem a vontade de poder (como aponta Adler), nem a vontade de prazer (como em Freud), mas sim o que Frankl chama de *vontade de sentido*. (HOLANDA, 2010. p.346).

Com esta proposta Viktor Frankl foi considerado o médico da doença do século XX, decorrente do vazio existencial, é tido como o pai da Logoterapia ou da psicologia do sentido da vida como tem sido chamada por alguns autores, a "Terceira Escola Vienense de Psicoterapia", que concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por este sentido. (FRANKL, 1985, p. 123-124). O qual recebe “o nome “logoterapia” e foi utilizado por Frankl, pela primeira vez, numa conferência realizada em 1926.” (STUART, 2009, p.8).

Um ponto importante que não deve ser desconsiderado, é que ao pensar esta teoria, deve ser levado em conta a visão e concepção antropológica de homem que Frankl trazia consigo. “Partindo de um elemento espiritual existencial, Frankl cristaliza uma teoria psicológica centrada em quatro conceitos eminentemente filosóficos: pessoa, liberdade, responsabilidade e significado.” (PETER, 1999, p. 7).

Sua teoria vem em resposta a um século que e estava sendo marcado por uma compreensão de ser humano reduzida e desconsiderada por muitos segundo (MARITAIN, 1945, p. 28), “Jacques Maritain, filósofo deste século, numa visão crítica da cultura que esqueceu o humanismo, denominou este período histórico de a tragédia da cultura por encerrar em si a tragédia do homem”. (Apud. XAUSA, 1986, p. 55).

Esta busca de sentido para a existência ficará mais evidente para Frankl quando o mesmo estiver inserido no meio das tragédias humanas pessoais e coletivas que se deram no Holocausto. Ele percebeu que o ser humano tem uma capacidade para suportar os mais intensos sofrimentos quando tem um sentido para sua vida, como por exemplo uma tarefa a realizar.

Um último ponto que merece atenção é a temática da autotranscendência que pertence de maneira essencial ao ser do homem. Transcendência para Viktor Frankl está relacionada à capacidade do mesmo de encontrar sentido fora de si, para isso Frankl irá elencar dois tipos de transcendência.

Inicialmente a transcendência é abertura para o mundo. Frankl fala, de fato, de “um mundo denso de outros seres a encontrar e de significados a realizar.” Somente superando a nós mesmos estamos em condições de ser homens. Podemos definir este nível de transcendência como “horizontal”. (PETER, 1999, p. 24).

O conceito de transcendência será trabalhado mais a frente, porém, basicamente significa tudo que envolve o contato com o outro, que é dado por meio de relações humanas faz referência a uma saída de si ao encontro de um outro indivíduo. Isto é transcendência e conseqüentemente nesta empreitada é que o sujeito encontra Sentido em sua existência.

Um outro desdobramento da transcendência é a que faz referência ao sentido último, um supra sentido que está ligado com a capacidade do homem em voltar-se para o Transcendente. “Esta modalidade para Frankl é inerente ao ser do homem e isto é parte constituinte de sua identidade e concepção antropológica de homem. Podemos definir este nível como vertical.” (PETER, 1999, p. 25).

Esta visão de homem em totalidade é uma marca de algumas linhas de pensamento e inclusive da logoterapia que para o cenário em que a mesma surge refutou outras teorias evidenciadas naquele momento que desfavoreciam o ser humano ou que o entendiam de forma limitada, o avanço a partir da logoterapia é um acréscimo de uma dimensão espiritual presente no ser humano, pensar nesta possibilidade em um contexto do positivismo atribuiu a logoterapia um caráter ousado e visionário.

Esta busca não é algo aprendido, condicionado ou objeto de sua consciência, de acordo com (Frankl, 1978, p. 19), “Para Frankl, nenhum homem inventa o sentido da vida: cada um é cercado e impelido pelo sentido da própria vida. O sentido não pode ser dado ou criado, mas deve ser encontrado. E mais, o sentido não só deve ser achado, como ele pode ser achado. (Apud. HOLANDA, 2010. p.3).

Pensar o homem hoje e também a juventude, que busca na opção suicida, é necessário levar em conta todo este contexto que favorece o campo do vazio existencial na personalidade do indivíduo. E a logoterapia se colocar como esta terapia que incentiva o homem a se colocar diante da vida e para ela procura dar ou descobrir um significado.

Muito se tem falado a respeito do Sentido da vida, da sua ausência e também da busca que o ser humano trava ao tentar descobri-lo. Neste trabalho, também se defende a ideia de que para o suicídio dos jovens, entre seus inúmeros agravantes, um dos fatores seja a falta do sentido. Que há um anseio no ser humano sobre vontade de sentido é fato, porém, como descobrir? Há meios? Será que até em situações extremas de sofrimento e

desolação é possível encontrar algum Sentido? Para estas e outras perguntas que a logoterapia propõe três formas de se descobrir o sentido para a existência.

“De acordo com a logoterapia, podemos descobrir esse sentido na vida de três diferentes formas: 1. Criando um trabalho ou praticando um ato; 2. Experimentando algo ou encontrando alguém; 3. Pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável.” (FRANKL, 2016, p.135).” estas formas são basilares dentro da linha logoterapêutica e sua aplicação já permitiu ajudar muitas pessoas e é possível constatar sua validade a partir de inúmeros relatos sempre presentes nos livros de logoterapia.

O interessante é que embora o Sentido da vida seja algo muito peculiar de cada ser humano, e que a busca de sentido é algo intrínseco a existência humana e que muitos viverão esta busca frenética por achar e encontrar este sentido, Viktor Frankl propõe caminhos para se descobrir o sentido da vida. São eles: “Para Frankl (1991), o homem só se torna homem e só é completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se esquece de si mesmo a serviço de uma causa, ou no amor a uma pessoa. (HOLANDA, 2010. p. 2).

Uma vez tendo essa consciência de responsabilidade na existência e tendo o jovem o conhecimento de assenhorear, tomar a condução de sua própria vida e se responsabilizar por ela, então é possível aprofundar nas três possíveis formas elencadas pelo autor de se encontrar o Sentido na vida.

A compreensão de Viktor Frankl é que quanto mais “[...] as noções de “felicidade”, de “prazer” ou de “poder”, como objetos da busca última do homem, negam a realização de sentido, mais ele se distanciará desse objetivo.

A autotranscendência aparece como essa possível resposta aos jovens suicida, este movimento proposto pelo autor pode encontrar consonância na vida daqueles jovens que estão imersos em um contexto de vazio e de um sentimento de inutilidade e vazio existencial.

Vale lembrar que os ensinamentos deixados por Viktor Frankl não estão restritos somente dentro do contexto logoterapêutico, sua literatura é de fácil entendimento para muitos que o leem e já o compreendem este horizonte de sentido na existência, os conceitos deixados por Frankl podem ser encontrados em outros campos para além da psicologia, como nos ambientes religiosos, escolares e até mesmo em conversas e trocas de experiências.

O suicídio dos jovens continua sendo a pauta de muitos familiares que perderam seus entes queridos, perderam aqueles que não conseguiram superar suas angustias e

sofrimentos, o suicídio ainda permanece como este ato de se matar, mas que caracteriza de alguma forma o desejo daqueles que queriam também matar os atos que o estavam matando e agredindo diariamente por dentro.

Considerações Finais

Enfim, tendo refletido a ideação suicida e o suicídio dos jovens na contemporaneidade e tendo partido da ideia inicial de que entre os vários possíveis motivos que levam a ideação ou o ato do suicídio dos jovens, a temática relacionado à ausência de sentido na vida mostrou-se como uma das possibilidades das causas de tais fenômenos.

Esta obra é concluída, porém, não é conclusiva acredita-se que esta temática do suicídio dos jovens carece de um maior aprofundamento, o meio juvenil permanece como um campo desafiador uma vez que o mesmo é muito instável e complexo, é possível desdobrar esta discussão e contar com o auxílio de outras ciências.

A aproximação entre os temas: Juventude, Suicídio e Sentido da vida mostraram-se de forma coerente interligadas e permitindo um diálogo entre si, foi perceptível um desdobramento e entrelaçamento dos temas.

A compreensão do Sentido da vida e as formas que o autor apresenta para descobri-los se tornam possíveis na vida daqueles que se encontram em uma busca pertinente de sentido. O conceito de autotranscendência é explorado no final do último capítulo como uma proposta inovadora e diretiva para os jovens que se encontram imersos a uma existência sem sentido e com o pesar de uma inutilidade, a proposta de sair de si implica numa capacidade de saída de si ao encontros dos outros.

Saindo de si e buscando descobrir seu sentido a partir de uma vida que descobriu seu caráter de realizar uma missão no que compete a ajudar os outros e dar respostas a partir de valores vivenciais, atitudinais e criativos permite aos jovens a possibilidade de contemplar novos horizontes em sua existência.

Esta proposta aos jovens suicidas pode ser encarada como uma forma de prevenção e também para possíveis trabalhos futuros relacionados a esgotamento de sentido a colocação deste termo em prática poderá ser observada como algo benéfico para pessoas que lidam com estes dilemas em sua existência.

O suicídio nunca será um problema relacionado a morte, mas um problema relacionado a vida, a existência de moças e rapazes que são hoje o presente da humanidade, este jovens que padecem por inúmeros motivos que não devem ser passíveis

de julgamento e que ao decorrer deste caminho escuro poderiam tomar rumos diferentes se tivessem a oportunidade de descobrir o sentido para suas vidas sendo iluminados pelas luzes da teoria do sentido que acredita que toda vida é especial e que por isso não existe nenhuma existência humana sem a possibilidade de uma descoberta do sentido.

Referências Bibliográficas

ABREU, T.O. SOUZA, M.B. A influência da internet nos adolescentes com ações suicidas. **Revista Sociais e Humanas**. Santa Maria, v. 30 n. 1 p. 158-173, abril. 2017.

ANDRADE, Rafael Rebouças. A logoterapia como uma proposta peculiar de psicologia humanista. Logos & existência. **Revista da associação brasileira de logoterapia e análise existencial**, Curitiba, V. 4, n.1, p. 23-35, 2015.

AQUINO, Thiago A. Avellar. Logoterapia no contexto da psicologia: reflexões acerca da análise existencial de Viktor Frankl como uma modalidade de psicoterapia. Logos & existência. **Revista da associação brasileira de logoterapia e análise existencial**, Curitiba, V. 4, n.1, p. 45-65, 2015.

CAMON, V. A. A. **O atendimento infantil na ótica fenomenológico-existencial**. Suicídio Infantil: o esgarço maior do desespero humano. Ed Cengage. 2011.

CAMUS, Albert. O Homem revoltado. Trad. de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 2017.

_____. O mito de Sísifo. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch, 8º ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. art. 03 p.05 1.ed. Rio janeiro: Unic, 2009.

DUARTE, Yvone Magalhães (Org.). O Suicídio e os Desafios para a Psicologia. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2013.

DURKHEIM, Émile. O Suicídio. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FRANKL, Viktor. A presença ignorada de Deus, trad. Wlaler O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 16º ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. Em busca de Sentido um psicólogo no campo de concentração, trad. Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 39º ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. O Sofrimento de uma vida sem sentido: Caminhos para encontrar a razão de viver, trad. Kalerno Bocarro. 1º ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

_____. O que não está escrito nos meus livros: Memórias. trad. Abeling, Claudia. 1º ed. São Paulo: É Realizações, 2010.

_____. Psicoterapia e Sentido da Vida, trad. De Alipio Maia de Castro. 5º ed. São Paulo: Quadrante, 2003.

_____. Psicoterapia e sentido de vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial. O sentido da vida. O sentido do sofrimento. São Paulo. Ed Quadrante. 1973.

_____. Sede de Sentido. Tradução de Henrique Elfes. São Paulo: Quadrante, 2003b.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*: parte II. 2ªed. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Parte II Petrópolis: Vozes, 1998.

HOLANDA, Adriano. MOREIRA, Neir. **Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa**. Universidade Federal do Paraná, V.15, n.3, p.345-356, set-dez. 2010.

JÚNIOR, Oswaldo Giacoia. A visão da morte ao longo do tempo. Simpósio: Morte: Valores e dimensões. Ribeirão Preto, V. 38, n.1, p.13-19, 2005.

KROEFF, P. **Logoterapia e existência**. Logoterapia, sentido de vida e a tríade trágica: sofrimento, culpa e morte. Ed Evangraf. 2014.

SOUZA, César Cardoso Neto. Scheler, os valores, o sentimento e a simpatia. **Revista Reflexão**, Campinas, nos 85/86, p. 41-55, jan./dez., 2004. OLIVEIRA, Leonardo Carvalho. CARVALHO, Milla Jane. RIBEIRO, Anne Caroline Torres. NEVES, Mariany Bezerra. SÁ, Lorena Bandeira de Melo. **Vazio existencial e suicídio: uma questão de saúde pública**. II CONBRACIS. Paraíba, 2017.

PEREIRA, Ivo Stuart. **A ética do sentido da vida na logoterapia de Viktor Frankl**. Universidade federal do Ceará instituto de cultura e arte departamento de filosofia: Fortaleza, 2009.

_____. PEREIRA, I. S. **A Ética do Sentido da Vida**. A vontade de sentido. Ed Ideias & Letras. 2015.

PETER, Ricardo. Viktor Frankl: a antropologia como terapia. trad. Thereza Christina Stummer. São Paulo: Paulus, 1999.

RIOS, José Arthur. Suicídios de jovens. **Carta Mensal**, Rio de Janeiro, V. 46, n. 546, p. 60-76, set. de 2000.

SARTRE, Jean Paul. O Existencialismo é um humanismo. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2014.

SCHELER, Marx. *Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik: Gesammelte Werke, Band 2*, A. Francke, Bern 1954.

XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. A psicologia do Sentido da vida. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986.

WADI, Yonissa Marmitt. A escrita além da vida e da morte: mensagens de adeus de suicidas na comarca de Toledo/ PR (1980/ 1993). **Espaço Plural**, Paraná, v. 9, n.18, p. 119-127, 1º sem. de 2008.

WOJTYLA, K. Max Scheler y la ética Cristiana. Madrid: BAC, 1982.